

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA POLÍTICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

CARLA SOAVINSKI

**RÚSSIA E UCRÂNIA: IDENTIDADE NACIONAL ENQUANTO CAUSA
DE CONFLITO**

BRASÍLIA
2015

Carla Soavinski

RÚSSIA E UCRÂNIA: IDENTIDADE NACIONAL ENQUANTO CAUSA DE CONFLITO

Monografia apresentada em conclusão ao curso de graduação em Ciência Política da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Ciência Política.

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Nascimento

Brasília
2015

CARLA SOAVINSKI

RÚSSIA E UCRÂNIA: IDENTIDADE NACIONAL ENQUANTO CAUSA DE CONFLITO

Monografia apresentada à Universidade de Brasília, como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Ciência Política.

Brasília, 11 de julho de 2015

Aprovado por:

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Nascimento
IPOL - UnB

Parecerista: Profa. Dra. Marilde Loiola de Menezes
IPOL - UnB

GREAT RUSSIA: Do you know with whom you are speaking, or have you forgotten? I am Russia, after all: why do you ignore me? ...

LITTLE RUSSIA: I know that you are Russia; that is my name as well.

Why do you intimidate me? I myself am trying to put on a brave face.

*I did not submit to you but to your sovereign,
Under whose auspices you were born of your ancestors.
Do not think that you yourself are my master,
But your sovereign and mine is our common ruler.
And the difference between us is our given names:
You are great, I am little; we live in neighboring lands.*

Semen Divovych

RESUMO

Este artigo tem por objetivo demonstrar de que forma as questões de nacionalismo e de identidade nacional influenciam na guerra que ocorre atualmente entre a Ucrânia e a Rússia. Para tal, é necessária base teórica e histórica, afim de melhor compreendermos como se formaram e como funcionam os nacionalismos que engendram o conflito. Os dois conceitos cruciais, que em última instância dão forma e sustentação a este trabalho, são a da formação do nacionalismo por meio do *ressentimento* e da *transavaliação de valores*, conforme proposta por Liah Greenfeld; e a do *padrão centro/periferia* da política externa russa, determinado por sua autoimagem nacional. Acreditamos que a corrente guerra russo-ucraniana é, para ambas as partes, muito mais pautada por razões civilizacionais e ideológicas do que por motivos econômicos e racionais, e que tais razões estão intrinsecamente ligadas às identidades nacionais.

Palavras-chave: Rússia; Ucrânia; Euromaidan; Revolução Ucraniana; nacionalismo; identidade nacional; relações internacionais.

ABSTRACT

This paper's main goal is to demonstrate how issues regarding nationalism and national identity may have an impact on the ongoing war between Russia and Ukraine. Therefore, a theoretical and historic basis is necessary in order to better understand how the nationalisms behind the conflict came to be and how they work. The two crucial concepts - which ultimately shape and support the ideas presented here -, are a) nation-building through *ressentiment* and *transvaluation of values*, as proposed by Liah Greenfeld; and b) the *core/periphery pattern* in Russian foreign policy, determined by Russia's self-image as a nation. It is likely that the current Russia-Ukraine conflict is, to both the parties involved, an ideological and civilizational matter rather than an economic and rational one, and thus intrinsically linked to their national identities.

Keywords: Russia; Ukraine; Euromaidan; Ukrainian Revolution; nationalism; national identity; nation-building; international relations.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 8 |
| 1. DO CONCEITO DE NAÇÃO E DA FORMAÇÃO DAS IDENTIDADES NACIONAIS EM PAUTA | 10 |
| 1.1. Do conceito de nação | 10 |
| 1.2. Da formação das identidades nacionais em pauta | 13 |
| <i>1.2.1. A nação russa</i> | <i>13</i> |
| <i>1.2.1. A nação ucraniana</i> | <i>20</i> |
| 2. IDENTIDADE NACIONAL E O ATUAL CONFLITO RUSSO-UCRANIANO | 26 |
| 2.1. A identidade nacional como determinante da política externa | 28 |
| 2.2. Nacionalismos e o atual conflito entre a Rússia e a Ucrânia | 32 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 37 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 40 |

INTRODUÇÃO

O fim de 2013 viu surgir na Ucrânia uma onda de protestos que ficou conhecida como *Euromaidan*, cuja principal reivindicação consistia, a princípio, numa maior integração com a União Europeia. Considerada a maior manifestação pró-UE até o presente¹, o *Euromaidan* engendrou a Revolução Ucraniana de 2014, que por sua vez depôs o presidente Viktor Yanukovych, de orientação favorável à Rússia, e levou a uma rápida sequência de mudanças no sistema político-social da Ucrânia.

Tais mudanças, entretanto, iam de encontro aos interesses russos, fazendo com que, em resposta, a Rússia invadissem o território ucraniano, subsequentemente anexando a península da Crimeia por meio de um duvidoso referendo. Além disso, tudo indica que Moscou esteja oferecendo apoio direto a grupos separatistas pró-Rússia nas regiões orientais da Ucrânia.²

É essencial notarmos, contudo, que o conflito deflagrado pelos movimentos de dissidência - que já toma proporções de guerra internacional³ -, tem suas raízes muito além de 2013: elas estão presentes, na verdade, desde o início da história das nações envolvidas.

Isto posto, o propósito central deste artigo é relacionar história e nacionalismo à atual disputa russo-ucraniana, de forma a evidenciar como as questões que tangem a formação de ambas as identidades nacionais têm ainda força o suficiente para influenciar os rumos do fazer político e, em última instância, dar origem a um conflito já bastante duradouro.

Para tal, faz-se necessária uma base teórica e histórica que nos possibilite compreensão suficiente sobre a) o que são as nações; b) como surgiram os nacionalismos e nações russos e ucranianos; e c) o impacto destes nos caminhos políticos das partes envolvidas no conflito.

Dando forma e sustentação a este trabalho, há duas ideias cruciais: a primeira diz respeito à formação de identidades nacionais através do *ressentimento* e da *transavaliação de valores*, de acordo com a qual as nações passam a existir

¹ FORBRIG, 2013, *online*

² DEMIRJIAN, 2015, *online*

³ POROSHENKO *apud* ZAKS, 2015, *online*

por comparação e oposição a outra; que passa a ser, a um tempo, seu *modelo* e *antimodelo*, conforme teoria proposta pela socióloga Liah Greenfeld.

A segunda ideia, basilarmente ligada a de *ressentimento*, é a do *padrão centro/periferia* da política externa russa, determinado por sua autoimagem nacional de *centro*, posta em dúvida pela maneira com que o Ocidente a vê: como uma *região periférica* e pouco civilizada.

A hipótese aqui defendida é a de que a guerra da qual nos propomos tratar é, para ambas as partes, muito mais pautada por razões civilizacionais e ideológicas do que por motivos econômicos e racionais, e que tais razões estão inexoravelmente ligadas às identidades nacionais.

Para este trabalho, o principal método a ser empregado é a leitura e análise de fontes bibliográficas. Tendo em vista que alguns dos temas aqui tratados são bastante recentes, há escasso material acadêmico sobre eles disponível. Assim sendo, quando tal limitação se fizer presente, recorreremos a textos jornalísticos como fonte de informação para este estudo. Objetivo e escopo dos capítulos serão definidos ao início de cada um deles.

1. DO CONCEITO DE NAÇÃO E DA FORMAÇÃO DAS IDENTIDADES NACIONAIS EM PAUTA

Compreender as questões que moldam as identidades nacionais russa e ucraniana é imprescindível para todo aquele que se propõe entender o atual conflito que tem lugar entre os dois países; é nelas que estão as raízes seculares do atrito e também, ainda que de forma subjacente, seus fins. Para isso, entretanto, faz-se necessário que tratemos primeiro da ideia de *nação*.

Não sendo o objetivo do presente artigo definir o ainda novo e incerto conceito de "nação", sobre o qual mesmo seus estudiosos e teóricos mais conceituados não alcançam um consenso, nos ateremos aqui a apresentar ideias, *possibilidades* a ele relativas, que podem nos auxiliar no objetivo de melhor entendermos a disputa, a um tempo atual e histórica, entre Rússia e Ucrânia. Desta forma terá início este capítulo.

Nas seções seguintes, serão abordados os processos de formação das nações russa e ucraniana, respectivamente, bem como das identidades nacionais que as formam e sustentam. Em nome da coerência e clareza das ideias aqui apresentadas, será apenas mais tarde que abordaremos a maneira com que tais identidades moldam o fazer da política externa e, deste modo, exercem influência sobre os rumos do conflito.

1.1. Do conceito de nação

Tão numerosas são as nações e seus nacionalismos e tamanho é o seu papel na formação do que, atualmente, representa a visão de mundo de grande parte do globo, que se torna tentadora a naturalização de sua existência. No entanto, cabem as perguntas: o que é uma nação? Quando surgiram as nações?

Na contramão do que se poderia esperar ao tratar de um fenômeno tão universalizado, as respostas para tais perguntas são ainda muito nebulosas e trazem pouco consenso. Benedict Anderson nos oferece a definição de nação como *comunidade política imaginada* (mas não imaginária), à medida que aqueles que a

compõe não se conhecem todos uns aos outros mas, pela amálgama da nacionalidade compartilhada, acreditam estar em comunhão.⁴

Tal comunhão envolve, de acordo com o autor, a percepção da nação como “uma agremiação horizontal e profunda”, homogeneizante, unida por laços de fraternidade capazes de alcançar além das desigualdades e estratificações observadas do seio da comunidade que a compreende.⁵

Essa ideia vai ao encontro com o deslocamento de soberania ao qual conduziria o nacionalismo, conforme proposto por Liah Greenfeld: de um soberano ou elite dirigente para o povo, que era assim ele próprio elevado à condição de elite.⁶ Se igualdade e soberania popular constituem os dogmas primeiros da democracia, haveria identificação inicial entre princípios democráticos e nacionalismo.⁷

Entretanto, conforme este se alastrava e passava a existir sob condições cada vez mais diversas, tal ligação se perdeu, dando lugar à ênfase na singularidade do povo e não mais em sua posição de soberano. Ao contrário do nacionalismo, a democracia não é passível de exportação.⁸

Daí decorre que, enquanto alguns nacionalismos assumiam caráter *cívico*⁹, onde o critério de adesão se pautaria primordialmente na aceitação dos princípios e valores da nação¹⁰, ou seja, seria mais abertos e voluntaristas; enquanto outros se tornariam *étnicos*, não podendo ser adquiridos e estando frequentemente ligados a nações *coletivista-autoritárias*.¹¹

Chama atenção ainda que, em contraste com o que creem as ideologias nacionalistas, que atribuem às suas nações uma existência ancestral, elas são, na verdade, um fenômeno moderno.¹² Sairia, entretanto, do escopo deste artigo buscar precisar o local e tempo de seu surgimento.

Cabe, porém, menção à teoria elaborada por Ernest Gellner¹³, que corrobora a noção de nação enquanto um fenômeno moderno ao associar seu surgimento com

⁴ ANDERSON, 1991, p.25

⁵ Ibid., p.27

⁶ GREENFELD, 1998, p.18

⁷ Ibid., pp.19-20

⁸ Idem

⁹ HOBBSBAWM, 1990, cap.1

¹⁰ GREENFELD, 1998, pp.20-21

¹¹ Idem

¹² ANDERSON, 1991., p.24

¹³ A relevância da teoria de Gellner para este artigo reside no fato de ela definir a formação das nações a partir do esforço de urbanização e industrialização que caracteriza a modernidade. Dessa forma, explica-se a fraca presença de consciência de nação na Bielorrússia em contraposição à

a transição de sociedades agrárias para sociedades industriais. A urbanização impulsionada pelo processo de industrialização faria com que pessoas que outrora estavam em comunidades isoladas passassem a estar sob a influência unificadora e, de certo modo, homogeneizante da economia e de instituições políticas centralizadoras.¹⁴

Quanto aos critérios comumente propostos para a definição de uma nação, a exemplo de língua, etnia e território, Greenfeld afirma que nenhum deles seria inevitável, ainda que veja alguns como recorrentes. Isso se deve à *multiformidade* das nações, que pouco partilhariam entre si: o único elemento presente em todas elas sua *autoconsciência*. Por isso, a autora acredita serem as nacionalidades *particularismos*.¹⁵

Apesar de cada nacionalidade ter seu caráter e elementos peculiares, quase todas se formaram em processos de exportação gerados, num primeiro momento, pela expansão da influência do Ocidente, mas também por servir aos interesses dos grupos que as importaram. Eles estariam, possivelmente, insatisfeitos e inseguros com sua identidade à época. Como nota Greenfeld, “uma mudança de identidade pressupõe uma crise de identidade”.¹⁶

Mas, a cada importação, o nacionalismo era modificado, adaptado às condições de seu novo contexto. Essa reinterpretação implicava em diferenças em relação ao nacionalismo “original”, ou seja, ao modelo a ser emulado; e a consciência de ser apenas uma imitação, e portanto inferior ao que era copiado, acabava por gerar o que a autora chama de *ressentiment*, derivado da inveja e do ódio existencial.

Tal conceito, central à obra da autora e essencial para compreendermos os nacionalismos russo e ucraniano, teria sido a base sobre a qual se formaram quase todos os nacionalismos hoje existentes. Entretanto, o *poder criativo* do ressentimento reside no fato de que ele tem potencial de levar à *transavaliação de valores*: não sendo capaz de se igualar àquilo que tomou por modelo, o nacionalismo nascente, ressentido, passa a ser hostil os valores do original,

Ucrânia, porque aquele é um país ainda predominantemente agrário e camponês. (Correspondência com o professor Paulo Nascimento, do Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília, em 29/06/2015)

¹⁴ GELLNER, 1983, p.42

¹⁵ GREENFELD, 1998, p.17

¹⁶ Ibid., p.24

formando - muitas vezes de forma artificial -, valores próprios e os colocando como superiores.¹⁷

Ainda que constituída de vários milhões de pessoas, a nação se sabe limitada, vê outras nações além de si.¹⁸ Condição necessária para a sua existência é que haja um Outro externo, ao qual, para se formar a si mesma, ela se compara e se contrapõe.¹⁹ Uma nação surge da reação àquela que toma por modelo.²⁰ Se o nacionalismo exalta a singularidade de um povo, ele não teria sentido de ser se não houvesse alguém em relação a quem se diferenciar.

Essa alteridade, a eterna presença do Outro, que é ponto de comparação e causa de desconforto existencial é, como veremos, grande parte da questão dentro da qual está o conflito russo-ucraniano e dos nacionalismos que os delineiam.

1.2. Da formação das identidades nacionais em pauta

1.2.1. A nação russa

Também a Rússia enquanto nação foi *inventada* com base nos modelos ocidentais. Foi no século XVIII, sob direta influência de dois autocratas - nomeadamente Pedro I e Catarina II -, que teve início a construção dessa ideia. A direção para a qual eles pretendiam conduzir o que viria a ser a nação estava clara desde o princípio: rumo ao Ocidente.²¹ Foi por causa dele e em relação a ele que o processo de formação da identidade nacional russa se deu.

Pedro, o Grande foi quem primeiro voltou-se para a Europa, tomando-a como modelo para a Rússia, a qual decidiu tornar potência europeia. Algumas das maiores e mais radicais mudanças por ele implementadas foram de cunho cultural: tradições russas que de alguma forma parecessem retrógradadas eram impiedosamente reprimidas, enquanto a aquisição de valores e conhecimentos ocidentais foi estimulada - ou ordenada.

A retórica do czar foi alterada de forma a introduzir conceitos relativos à ideia de nação, que eram ainda novos e fluídos mesmo em suas fontes europeias. O

¹⁷ GREENFELD, 1998, pp.24-26

¹⁸ ANDERSON, 1991, p.26

¹⁹ SZPORLUK, 1997, pp.89-90

²⁰ GREENFELD, 1998, p.25

²¹ Ibid., p.190

objetivo era, como nos mostra Liah Greenfeld, retratar o povo como elite, companheiros do monarca: a Rússia não era mais propriedade do czar (que era até então era sinônimo do próprio Estado), mas sim a *mãe pátria* (*otechestvo*), à qual todos seus filhos se ligavam igualmente.²²

Entretanto, apesar das alterações no discurso, - que era, em todo caso, quase restritas à comunicação com audiência estrangeira -, a forma de governo centralizada e autocrática de Pedro I e sua postura em relação aos seus súditos não se modificaram, e tampouco eles tiveram alguma melhora em seu *status*. Ele sabia o que era uma *nação*, e sabia que a Rússia não era uma. Como nota a autora:

Existe de fato qualquer coisa de patético na discrepância entre a insistência de Pedro em que os seus súditos servissem o Estado, do qual eram cidadãos espiritualmente livres, e por isso zelosos, e a sua própria firme convicção de eles não serviam mais nada senão a ele, o seu pai misericordioso, o grande senhor, czar e autocrata.²³

Um nacionalismo arbitrariamente importado por um soberano de tal forma autocrático *às custas das tradições locais* e não necessariamente com o apoio de seu povo - que certamente tinha pouca ou nenhuma agência ou conhecimento para opinar acerca de questões envolvendo sua agora *mãe pátria* -, possivelmente teria, ainda em seu estágio embrionário, sua autoimagem minada pelas comparações inferiorizantes das tradições e povo russos com aqueles do Ocidente.²⁴

Mas os novos conceitos contidos na retórica do czar seriam, aos poucos, incorporados ao pensamento e imaginário russos, e a expansão e reconhecimento internacional que a Rússia, feita grande Império, alcançou sob seu governo instilaram no povo orgulho de serem súditos de monarca tão grandioso, senão ainda de serem russos. Tal sentimento serviria mais tarde de base para o orgulho nacional.²⁵

Tais conceitos puderam se consolidar durante o reinado dos sucessores do grande czar, mas foi apenas com Catarina II que a Rússia-nação começou a tomar forma mais concreta. Não apenas beneficiada pelo crescimento da autoconsciência

²² GREENFELD, 1998, p.191

²³ Ibid., p.195

²⁴ Ibid., p.247

²⁵ ANDERSON, 1991, p.26

rusa e do sentimento de ameaça vinda do oeste²⁶, a imperatriz era, possivelmente, uma nacionalista convicta: ela sabia que o mundo era formado por nações e compreendia a necessidade de que aquilo que governava fosse uma delas.

Catarina diferia de seu predecessor em mais um ponto: ela não via ao Estado como uma continuação de si própria, e o nacionalismo que buscava construir trazia, aos moldes franceses, tons de liberdade, participação e dignidade cívica. Era o nacionalismo da elevação do povo, que deveria ser orgulhoso de sua identidade nacional.

Seu projeto obteve sucesso. Seu reino, outrora visto como bárbaro, passou a ser uma potência europeia, tanto em termos culturais quanto nos aspectos militar e político. A Rússia passou a ser o “Estado-modelo e o país Luz”²⁷ a olhos estrangeiros.²⁸

O nacionalismo era, entretanto, ainda parcamente disseminado na Rússia. Foi a nobreza o primeiro grupo social a adotá-lo, ainda que de forma deveras incipiente; inseguros com a fragilidade de seu próprio estatuto social - da qual apenas uma linha tênue e inconstante separava o resto do povo -, viram segurança na elevação que o nacionalismo traz a cada membro da nação²⁹:

Havia no nacionalismo a garantia de um mínimo de dignidade intocável, dignidade que pertencia a cada um. E, por isso, os aristocratas russos estavam a tornar-se gradualmente nacionalistas; estavam a começar a experimentar os efeitos terapêuticos do orgulho nacional, e a sua identidade como nobres estava a dar lugar à sua identidade nacional como russos.³⁰

A identidade nacional russa, entretanto, ainda não existia e, como tal, precisava ser construída. Essa construção se deu, como veremos, com base no *ressentimento*. O Outro, no qual ora se inspirava e ao qual ora se opunha; que, em suma, estabelecia seu ponto de comparação foi, desde o princípio, o Ocidente.³¹

²⁶ PLOKHY, 2008, n.p.

²⁷ GREENFELD, 1998, 198-201

²⁸ Idem

²⁹ Ibid., pp.213-218

³⁰ Ibid., p. 218

³¹ Aleksandr Panarin sugere que a formação do Império Russo se deu por meio de “desafio-resposta”, ou seja, o Império teria sido uma resposta a problemas que teve que enfrentar. Se o Império teve sua origem no impacto de fatores externos e internos, o mais relevante deles é o elemento religioso: era a

Em um primeiro momento, o Ocidente foi tomado por modelo - o único possível - para as aspirações russas. Havia uma euforia quanto a tudo o que era ocidental, alimentada pela certeza existente à época de a Rússia era, incontestavelmente, um país europeu. Tal pertencimento, e o *estar dentro dos padrões* em que ele implicava, eram a base do orgulho nacional russo.

Mas esse otimismo se esvaia gradualmente, à medida que os feitos do grande czar Pedro I se tornavam incapazes de obscurecer a *inadequação* da Rússia: ela não estava dentro dos padrões europeus; estava, na verdade, aquém de qualquer país ocidental com que se propunha comparar. A inferioridade era a realidade russa, e em muito diferia de seu ideal eleito.

A saída encontrada para se lidar com a *consciência insuportável* de ser inferior ao Ocidente foi molde para o nacionalismo russo: a rejeição pela inveja, o ressentimento. Sem que o Ocidente deixasse de ser sua referência, ele era agora apontado como um modelo inadequado para a Rússia. A igualdade, antes tão almejada, passa a ser vista como indesejada.³² A *spetsifika* russa, seu caráter único e a desconfiança em relação ao Ocidente agora determinam o sentimento nacional russo, e vão permear seu *ethos* até a atualidade.

O primeiro grupo social a de fato se tornar nacionalista foi o dos intelectuais de origem não nobre, que se expandiu com o grande aumento do número de instituições de ensino formal observado sob Pedro I. Mais uma vez, tal adoção se deu porque a construção da identidade nacional ia ao encontro de seus interesses de estatuto social: mitigava suas inseguranças e lhes confirmava sua sensação de valor, uma vez que ao enobrecer o povo, o nacionalismo enobrecia também a eles.

Por isso, seu nacionalismo tinha definição democrática, de inclusão de todas as classes. Não deixou de ser, entretanto, moldado pelas comparações com o Ocidente: se essa *intelligentsia* nascente buscava consolidar e exaltar a jovem língua russa literária ou escrever uma história russa que se concentrasse em seu passado nacional, repleto de feitos épicos e de heróis, era para que a Rússia se sobressaísse em relação à Europa.³³

É interessante notarmos que, como nos mostra Greenfeld, essa nova *intelligentsia* era composta em grande parte por estrangeiros, em especial por

Ortodoxia que colocava Moscou no como a predestinada Terceira Roma, e incorporava ao nacionalismo russo seu aspecto messiânico. (PANARIN *apud* LASCHCHENOVA, 2009, p.114)

³² GREENFELD, 1998, p.221-231

³³ GREENFELD, 1998, pp.233-243

ucranianos. À construção do nacionalismo da Rússia contribuíram amplamente elementos não-russos.³⁴

Cabe observar, entretanto, que a nação que tais estrangeiros estavam ajudando a construir não era uma de caráter étnico, onde ser um nacional russo implicava em ser um grão-russo, mas um projeto imperial que englobaria *todas as Rússias*.³⁵

Mais tarde, durante o reinado de Catarina II, os nobres se apropriariam do trabalho de início da construção da identidade nacional feito pelos intelectuais não-nobres. Tal apropriação, de cunho cultural, implicou em uma identificação entre cultura e nobreza, e numa valorização daquela:

A apropriação da cultura como um atributo da nobreza coincidiu com o eclipse da identidade do Estado pela nacionalidade, que aumentou imensamente o significado tanto da cultura em geral como da cultura russa em particular. Em vez de um traço a separar o sangue azul e o sangue vermelho, a cultura tornou-se o verdadeiro esqueleto de contenção entre a Rússia e o seu modelo (que tinha escolhido e de que agora não poderia separar-se), todo importante para a maneira como os russos, nobres e não nobres, podiam ver-se a si mesmos.³⁶

Foi nessa fase que se consolidou a matriz do nacionalismo russo, por meio do ressentimento que levou à transavaliação de valores, base criativa para os valores que deveriam vir a constituir - ainda que por meios por vezes artificiais -, o *ethos* nacional russo. O que se criava era um novo modelo imaginário para a Rússia, um que fosse capaz de a consolar do desconforto existencial gerado pelo ressentimento.

Se já não era possível se separar do Ocidente, se este era parte indelével daquilo que era a nação russa, sem a qual não haveria Outro que justificasse sua existência, o caminho que se apresentou como mais viável foi a rejeição ao Ocidente. Os valores ocidentais, como eram entendidos, passaram a ser visto como maus e indesejáveis. Era um modelo ao qual se opor, e não copiar.³⁷

³⁴ Ibid., p.235

³⁵ SZPORLUK, 1997, p.94

³⁶ GREENFELD, 1998, p.244

³⁷ GREENFELD, 1998, pp.251-252

A tal mal contrastaria a imagem construída para a Rússia, formada pelas antíteses das virtudes ocidentais das quais ela era mais deficiente: liberdade, igualdade e respeito pelo indivíduo. Logo, os novos valores russos implicariam na rejeição da razão e no ataque à concepção de indivíduo; valores que, conquanto ainda representassem virtudes morais aos olhos russos, não se encontrariam representados nas instituições ocidentais.

Estas e a interpretação falsa que davam à razão e ao indivíduo eram a gênese da servidão e levavam ao constrangimento da alma.³⁸ Edward Sepir, ao tratar das principais características do gênio russo, nota que este não vê na civilização motivo suficiente para subordinar a uma instituição as diversas dimensões de sua personalidade.

Essa indiferença ao institucionalismo, aos valores civilizacionais foi amplamente expressa através das artes, da música à literatura, e por numerosos autores³⁹. Sepir escreve:

Tantos personagens da literatura russa contemplam a vida com um olhar perplexo e cético. “Essa coisa que vocês chamam de civilização – isso é tudo que a vida tem a oferecer?”, podemos ouvi-los perguntar uma centena de vezes.⁴⁰

O repúdio à razão passou a ser visto como uma qualidade da *alma russa*. Assim, o camponês, o *povo* foi tomado por (paradoxalmente, já que os patriotas eram parte da nobreza) símbolo da nacionalidade russa, “porque eles ligavam as virtudes espirituais da alma russa: espontaneidade e sentimento, a essas forças vitais: sangue e solo”⁴¹.

Implicação disso foi a determinação dos critérios de pertencimento à nação, tornando-a *coletividade étnica*: o *ethos* russo era mais puro no campesinato, ainda não contaminado pela civilização; nele havia apenas as forças primordiais do sangue e da terra. Daí decorre que só quem pertencesse àquele sangue e àquele solo poderia ter em si a alma russa verdadeira. Os estrangeiros que, num primeiro

³⁸ Ibid., pp.254

³⁹ SEPIR, 2012, pp.40-41

⁴⁰ Ibid., p.41

⁴¹ GREENFELD, 1998, p.255

momento, lançaram as fundações para a identidade nacional russa, já se encontravam totalmente russificados.⁴²

Ainda assim, era a aprovação do Ocidente que a Rússia, de uma maneira ou outra, buscava. Em resposta a tal alteridade sempre presente se formaram as duas correntes *arquetípicas* (uma vez que não podem ser, na realidade, claramente distinguidas) do nacionalismo russo: o *ocidentalismo* e a *eslavofilia*, ambas produtos do ressentimento, com o Ocidente por antímodo.

Este transformou ressentimento em autoadmiração exacerbada, e aquela no desejo de mudar todo o contexto mundial no qual seu país se inseria – no desejo por revolução. Mas para as duas, o modelo era a própria Rússia, que eventualmente, *por certo*, ultrapassaria o Ocidente.⁴³

A tendência eslavófila exaltava a Rússia porque ela não era um país ocidental. Essa seria sua maior virtude. Seu ideal de desenvolvimento se encontrava fora dos padrões ocidentais, e a superioridade da Rússia estaria provada por sua própria natureza.⁴⁴

Enquanto isso, o ocidentalismo via “o preenchimento ideal (a Rússia como antiOcidente) no futuro, a seguir à destruição do velho mundo e para lá do presente esplendor do Ocidente, mas ainda aceitava a direção em que o Ocidente se desenvolvia como sendo o único caminho”⁴⁵; e o rejeitava não por seus princípios, mas por seu degradado estado atual que deles se afastava.⁴⁶

A predominância de uma ou outra corrente parece se alternar ciclicamente conforme o otimismo quanto à possibilidade de ultrapassar o Ocidente cresce ou diminui: quanto mais otimismo, maior a tendência ao ocidentalismo. Com o fracasso das tentativas de reforma, a autoestima nacional ficaria minada. A saída seria a eslavofilia e sua exaltação das virtudes nacionais, que por sua vez acabaria por levar mais uma vez ao otimismo, reiniciando assim o ciclo.⁴⁷

Esse ciclo de alternâncias terá, como veremos no capítulo seguinte, importantes implicações para a Rússia, moldando o rumo de suas políticas domésticas e externas e, como tal, exercendo significativa influência sobre o atual conflito russo-ucraniano.

⁴² GREENFELD, 1998, p.255

⁴³ Ibid., pp.257-261

⁴⁴ Ibid., pp.261-263

⁴⁵ Ibid., p.221

⁴⁶ Ibid., p.263

⁴⁷ Ibid., p.262

1.2.2. A nação ucraniana

Assim como se deu com sua contraparte russa, foi também a partir da oposição ao Outro que o nacionalismo ucraniano se formou: esse Outro era, dessa vez, não mais o Ocidente, mas a Rússia e a Polônia⁴⁸; países que, à época, dominavam partes do território que hoje corresponde à Ucrânia⁴⁹. Foi do desejo de se definir como separada de ambos, de ser reconhecida em sua existência própria, que surgiu a ideia nacional ucraniana.⁵⁰

Mas, se a contribuição de ucranianos foi tão significativa para as fundações do nacionalismo russo, por que teriam eles escolhido não fazer parte do projeto que eles mesmos ajudaram a criar? Roman Szporluk argumenta que tal escolha se deve, ao menos em partes, ao caráter étnico que o nacionalismo russo assumiu entre os séculos XVIII e XIX, com a apropriação pela nobreza do trabalho criativo dos intelectuais não nobres, grupo ao qual os ucranianos pertenciam.⁵¹

Essa mudança teria levado à identificação dos grão-russos com a *verdadeira nacionalidade russa*. Assim, pequenos russos (ucranianos) e bielorrussos passaram a vistos como membros minoritários da família russa, ou seja, periferias imperiais.

Por outro lado, o *projeto de construção da nação russa* tinha viés imperialista e parte disso consistia em negar à Pequena Rússia direito a declarar nacionalidade própria e independente. Até mesmo a historiografia russa teria sido instrumentalizada em prol desse objetivo, evocando pretensas ligações dinásticas, religiosas e étnicas; e ainda vasto passado comum que era, na verdade, em grande parte criação recente.⁵²

A tal queda em seu *status* frente aos grão-russos somou-se a consciência já existente entre os ucranianos de que, da mesma forma que a Rússia (assim como a Polônia) os via como periferia, também ela era considerada periférica pelo Ocidente.⁵³

⁴⁸ Seria simplista concebermos a formação da nação ucraniana apenas em termos de sua relação com a Rússia, e não pretendemos fazê-lo. Entretanto, sendo o objetivo deste artigo a compreensão do atual conflito entre a Rússia e a Ucrânia, torna-se necessário que maior atenção seja dada a esse aspecto.

⁴⁹ Partes do atual território correspondente a Ucrânia eram, no tempo do Império Russo, eram por ele designadas “Pequena Rússia”.

⁵⁰ SZPORLUK, 1997, p.86

⁵¹ GREENFELD, 1998, 198-201

⁵² SZPORLUK, 1997, pp.95-96

⁵³ SZPORLUK, 1997, p.86

Dessa forma, é possível que os nacionalistas ucranianos tenham considerado preferível inserir-se no contexto europeu de forma direta a ser *periferia da periferia*. Aspecto central de sua viragem para a independência seria o desejo de ser ator ativo e direto do cenário internacional. Segundo Szporluk:

The emergence of a nation from the condition of province or periphery, such as the case of Ukraine in relation to Russia and Poland, may be measured by the extent to which a nation-in-the-making seeks to define itself in a broader international framework extending beyond the confines of the entity from which it is “seceding”.⁵⁴

Foi contra as intenções do Império Russo de atribuir à Ucrânia um status inferior ao seu próprio que surgiu, ao fim do século XVIII, a *ideia ucraniana* que, de caráter subversivo, buscou opor-se à Rússia imperial de diversas formas.

Os primeiros nacionalistas ucranianos teriam sido membros bem-educados de estratos sociais elevados, já dotados de compreensão quanto ao cenário *internacional* no qual seu país se inseria - um contraste com a absoluta maioria camponesa da população que viria a formar a nação que começavam a construir.⁵⁵

Essa *elite* russófona (em seu início, o nacionalismo ucraniano não via na língua critério que definisse a nação)⁵⁶ era, entretanto, capaz de refletir a realidade social ucraniana uma vez que era, a um só tempo, russa e ucraniana; seus membros pertenciam a ambas etnias e, muitas vezes, tinham etnia mista.⁵⁷

O primeiro meio pelo qual a Ucrânia buscou se distinguir da Rússia foi afirmando seus laços e sua continuidade política em relação à Comunidade Polaco-Lituana, declarando-se uma democracia da nobreza (*gentry democracy*), aos moldes poloneses. Mais tarde, recorreu-se à etnografia para a definição da Ucrânia: ela compreenderia as terras nas quais o povo falasse dialetos ucranianos.

⁵⁴ Idem

⁵⁵ SZPORLUK, 1997, pp.97-98

⁵⁶ Ibid., p.99

⁵⁷ Ibid., p.98

De qualquer forma, o esqueleto de sustentação do nacionalismo ucraniano foi o apelo à sua identidade cultural distinta daquela do Império. Trabalhos de literatura, cinema, filologia e historiografia exaltavam o regional e a identidade histórica.⁵⁸

Mais tarde, surgiu na Ucrânia uma nova forma de nacionalismo, impulsionada na maior parte por intelectuais e acadêmicos, falantes de língua vernácula (que, por sua vez, adquiria nova e grande importância) que se empenharam em dar à ideia de nação alicerce teórico e filosófico; agora, tais aspectos já não eram mais satisfeitos por justificativas monárquicas ou teológicas.

Isto posto, sua forma de nacionalismo se pautava na antropologia, na filologia e na cultura popular. Estas estavam, ademais, delineadas por uma ideologia romântica e idealista, impulsionada pela autocracia do governo; e como tal o novo nacionalismo tinha caráter subversivo mais acentuado⁵⁹: enquanto os russos se devotavam a seu autocrata, a *intelligentsia* ucraniana voltava seu país para a liberdade.⁶⁰

Soltys considera, ao comparar os projetos de nação ucraniano e russo, que este era centralizador e coercitivo em sua proposta de junção de todas as Rússias. Já aquele se baseava no idealismo que pedia a liberdade de seu povo e a igualdade entre as nações. Conduzido por intelectuais e acadêmicos, e não por militares ou nobreza, o projeto ucraniano assumia aspecto mais populista.⁶¹

Também as questões territoriais tiveram seu peso na formação da ideia nacional da Ucrânia. Parte deste peso se deve às implicações do povo ucraniano ter estado por longo tempo dividido, sob o governo de dois reinos estrangeiros, o polonês e o russo. O rio Dnieper marcava essa divisão: à margem oeste, Polônia; à margem leste, Rússia.⁶²

Foi apenas com a dissolução da Polônia e a consequente expansão para o ocidente dos territórios do Império russo⁶³ que essas duas seções do povo ucraniano se uniram sob um mesmo estado, resultando, a longo prazo, no surgimento de uma nova entidade: a Ucrânia tal qual a conhecemos hoje.⁶⁴

⁵⁸ SZPORLUK, 1997, pp.97-99

⁵⁹ Ibid., pp.98-100

⁶⁰ Ibid., p.105

⁶¹ SOLTYS, 2005/2006, p.166

⁶² SZPORLUK, 1997, pp.100-101

⁶³ Tal expansão levou ainda à incorporação à Rússia de milhares de católicos, católicos de rito bizantino e de judeus. Isso levou a questões quanto ao seu pertencimento à nacionalidade russa, contribuindo para o caráter étnico que o nacionalismo russo assumiu no século XIX. (Ibid., p.104)

⁶⁴ Ibid., pp.97-98

Ademais, tal junção possibilitou a percepção do poder político da língua vernácula, que eventualmente passou a ser elemento basilar ao nacionalismo ucraniano.⁶⁵ Anderson argumenta que língua compartilhada é capaz de gerar o senso de comunhão, de pertencimento comum, tão essencial para o desenvolvimento do sentimento nacional.

Para isso, publicações em língua vernácula seriam de fundamental importância à medida que disseminam tal consciência de unidade⁶⁶. Tal noção parece ter sido bem compreendida pelos nacionalistas ucranianos, que fizeram literatura um dos principais instrumentos em prol de sua causa: a criação de literatura em língua ucraniana poderia, eventualmente, levar ao surgimento de uma nação ucraniana.⁶⁷

Entretanto, a Rússia não tinha, pelo menos até meados do século XIX, consciência da existência na Pequena Rússia enquanto nação distinta de si. Assim, terras ucranianas sob controle polonês eram vistas simplesmente como Polônia; enquanto aquelas à margem esquerda do Dnieper eram parte do Império - visão com a qual a elite local, russificada, acabava por corroborar.

Tão naturalizada era essa concepção que, ao se aperceber do movimento nacionalista que iniciava na Ucrânia, o governo russo não pôde concebê-lo como expressão autêntica e legítima dos pequenos russos. Antes, ele acreditou tratar-se de uma intriga instigada pela Polônia, numa tentativa de enfraquecer a Rússia.

É interessante notar que tal negação da autenticidade do nacionalismo ucraniano se tornaria comportamento padrão. Nas décadas seguintes, e possivelmente até os dias atuais, essa ideia delineou a resposta russa aos nacionalistas ucranianos, colocados sempre como expedientes de estrangeiros que, claro, buscavam por meio deles a degeneração da Rússia.

O movimento nacionalista ucraniano - ainda que quase restrito a atividades teóricas e acadêmicas - foi, portanto, declarado perigoso pelo governo russo, que via nele um fator de subversão à própria unidade da nação russa. Isso porque ela seria formada, em sua integridade, pelos grão-russos, pequenos russos e russos brancos.⁶⁸

⁶⁵ SZPORLUK, 1997, p.104

⁶⁶ ANDERSON, 1991, cap.3

⁶⁷ SZPORLUK, 1997, pp.100-101

⁶⁸ Ibid., pp.104-106

A questão territorial na Ucrânia, entretanto, envolvia mais do que *nacionalizar* terras com as quais já se tinha ligações etno-linguísticas. Tratava-se também, ainda que não deliberada e conscientemente, de uma verdadeira ampliação aquilo que seria seu *espaço nacional* por meio da colonização da região do Mar Negro, antes habitada por povos de origem túrquica.

Essas terras pertenciam, à época, à Rússia, que as designava “Nova Rússia”. Seu processo de colonização foi conduzido, porém, por uma maioria ucraniana, que eventualmente a reclamaria como seu território.⁶⁹ As consequências disso são parte crucial da atual disputa entre a Rússia e a Ucrânia, e os padrões psicológicos que a desenham se mantêm, como veremos no próximo capítulo, os mesmos.

Havia ainda o aspecto da clivagem que estar sob o domínio de dois reinos diferentes gerou entre as duas partes da Ucrânia que, a princípio, nem sequer reconheciam sua própria unidade. A etnia compartilhada, por si só, não seria o suficiente para unir aqueles que desejavam não ser russos àqueles que procuravam se distinguir dos poloneses e, mais tarde, dos austríacos.⁷⁰

Assim como na Rússia, a criação de uma identidade nacional foi uma construção que exigiu esforços. A própria língua literária ucraniana teve de ser deliberadamente criada. Como nos explica Szporluk, “the Ukrainians of Russia and Austria did not become on nation because theu spoke the same language, they came to speak the same language because they had decided to be one nation.”⁷¹

Ademais, a Ucrânia estava em relativa desvantagem perante seus vizinhos poloneses, russos e turcos. Daí decorre que sua própria sobrevivência enquanto Estado dependeria de sua capacidade de acomodar em si uma pluralidade étnico-religiosa; caso contrário, ela poderia fragmentar-se em nações menores, cuja capacidade de resistir a inimigos externos seria, obviamente, diminuída.⁷² É o que Soltys chama de “civic inclusiveness through the search of allies”.⁷³

De fato, há de se reconhecer que a nascente nação ucraniana representava desafios à Rússia, e por duas vias diferentes: uma era a exortação da liberdade, o desafio à autocracia, tão cara à Rússia. A outra, seria uma possível secessão.⁷⁴ O caso ucraniano é um exemplo concreto do princípio explicitado por Szporluk que dita

⁶⁹ SZPORLUK, 1997, pp.106-107

⁷⁰ Ibid., pp.109-110

⁷¹ Ibid., p.111

⁷² Idem; SOLTYS, 2005/2006, p.167

⁷³ SOLTYS, 2005/2006, p.167

⁷⁴ SZPORLUK, 1997, p.106

que a formação de uma nova nação implica, necessariamente, na desintegração, na minoração de outra, da qual ela se separa.⁷⁵

A análise histórica do processo de formação das identidades nacionais ucranianas nos permite dizer que, ainda que ambas sejam criações da *transavaliação de valores* e do *ressentimento*, estes teriam natureza distinta nos dois casos: na Rússia, ele ocorreu em resposta às tentativas fracassadas de se aproximar do Ocidente; foi motivado, em suma, pelo desejo de pertencimento sempre rechaçado.

Enquanto isso, na Ucrânia, o desejo ia em direção contrária: era a vontade se estabelecer existência própria e independente que deu origem ao ressentimento. Seu motor foi não o ensejo de integração e aceitação, mas o de operar por seus próprios parâmetros.

⁷⁵ SZPORLUK, 1997, p.93

2. IDENTIDADE NACIONAL E O ATUAL CONFLITO RUSSO-UCRANIANO

Não apenas de importância analítica, a alternância cíclica entre as correntes arquetípicas do nacionalismo russo teve e ainda tem implicações políticas reais. Sua influência foi sentida, por exemplo, na Revolução de 1917. Ela teria sido a consolidação do ocidentalismo: reformista, buscava a reconfiguração radical de todo cenário mundial, de modo que a Rússia não mais ocupasse posição periférica em relação à Europa.⁷⁶

De fato, o prestígio russo aumentou consideravelmente durante o período da União Soviética, e nem sempre esteve claro que o Ocidente sairia vitorioso.⁷⁷ Isto posto, o fim da Guerra Fria trouxe consigo incerteza quanto à posição da Rússia no cenário global⁷⁸: apesar de ser a herdeira direta da URSS e de parte de seu prestígio, seu *status* de superpotência não estava garantido.⁷⁹

Ademais, não era apenas seu lugar enquanto potência mundial que encontrava-se ameaçado; alguns dos países da ex-URSS, entre eles a Ucrânia, e outros que estavam sob sua esfera de influência, começaram a se aproximar do Ocidente, sendo nisso mais bem sucedidos do que a própria Rússia⁸⁰, o que parece ter abalado segurança e dignidade russas, constituindo forte motivo para a virada anti-ocidental que tomou conta do país a partir de 1993/1994⁸¹.

As ambições russas de estabelecer uma aproximação com o Ocidente por meio de uma reforma democratizante, que seria levada a cabo pela *intelligentsia* – único grupo para qual tal ideia tinha de fato algum valor –, foram sucessivamente frustradas e por fim, depois de pouco tempo, abandonadas.

Houve então uma *crise de identidade* no seio da *intelligentsia*. Se desde o início esse grupo social se definiu com base no nacionalismo russo, *ao mesmo tempo que o moldou e articulou*, uma crise de identidade que o acometesse implicaria numa crise de identidade nacional.⁸²

⁷⁶ GREENFELD, 1996, p.420

⁷⁷ HOBBSAWM, 1994, cap.2

⁷⁸ Talvez seja também pertinente refletirmos se, de algum modo, a renúncia do nacionalismo em favor de um universalismo proletário não teria tido algum impacto no nacionalismo russo, a longo prazo. Tal ideia era parte importante da ideologia comunista, e chegou a ser tratada pelo próprio Stalin em seu “O Marxismo e o problema nacional e colonial” (1979, pp.2-3)

⁷⁹ LO, 2002, p.13

⁸⁰ ARMSTRONG, 2004, pp.36-37

⁸¹ Correspondência com o professor Paulo Nascimento, do Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília, em 29/06/2015

⁸² GREENFELD, 1996, pp.418-428

A guinada para a *eslavofilia* que daí se seguiu, com sua renúncia aos ideias democráticos e de reforma, foi uma resposta a tal crise.⁸³ Se a revolução anticomunismo foi a “*revolução das esperanças não concretizadas*”⁸⁴ e a Rússia foi mais uma vez negligenciada pelo Ocidente, o conforto para seu nacionalismo viria com a exaltação da *spetsifika* russa aliada à negação de valores ocidentais. O ciclo de alternâncias entre *ocidentalismo* e *eslavofilia* recomeçava, e acreditamos que ainda hoje estamos numa fase em que a última predomina.

Enquanto a *intelligentsia* russa se apoiava na noção do Ocidente como antimodelo e, como tal, via na democracia um mal, tornando-a cada vez mais inviável em seu país⁸⁵, o nacionalismo ucraniano, seguindo as diretrizes que manteve desde seu início, voltava-se cada vez mais a ela. Isso fundamenta o surgimento de uma democracia autêntica - possivelmente a primeira entre os países eslavos orientais.⁸⁶

O conflito que nos propomos estudar neste capítulo é fruto direto dessa oposição de orientações. Mais uma vez, a figura do Ocidente se mostra quase onipresente: é em resposta a ela que ambos os países traçam os rumos de suas políticas externas, que delineiam as causas e desdobramentos da disputa. Seu papel é ainda tão relevante quanto o foi à época dos primeiros nacionalistas russos e ucranianos.

2.1. A identidade nacional como determinante para a política externa russa

Desde os tempos do czar Pedro I, quando a ideia de nação Russa começou a surgir, as questões de identidade nacional tiveram um papel crucial na definição das atitudes das elites russas em relação à política, tanto doméstica quanto externa. Assim, a necessidade de redefinição da identidade nacional russa, ocasionada pelo fim da URSS e consequente emergência de uma nova ordem mundial, teve importantes implicações para a condução da política externa da Rússia.⁸⁷

⁸³ Ibid., p.428

⁸⁴ KIVA *apud* GREENFELD, 1996, p.428

⁸⁵ GREENFELD, 1996, p.436

⁸⁶ SOLTYS, 2005/2006, p.162

⁸⁷ LO, 2002, p.13-14

O fracasso das tentativas de democratização marcaram, de 1992 em diante, uma nova fase de predominância eslavófila⁸⁸, que trouxe consigo o fortalecimento da exaltação da *spetsifika* russa, da qual um profundo senso de identidade eslava é parte intrínseca.

Tal identidade é um dos elementos de maior influência na política externa russa, seja na forma da manutenção dos *valores eslavos* por meio da defesa dos russos espalhados pelos territórios da ex-URSS pela diáspora; seja pela promoção de uma solidariedade pan-eslavista com os povos do leste e sudeste europeu; ou ainda pela tentativa de se recriar uma União Eslava, que deveria incluir também a Ucrânia e a Bielorrússia.

Consequência da ênfase dada a essa identidade eslava é a já conhecida desconfiança dos *eslavófilos* em relação ao Ocidente. Para eles, os valores ocidentais eram opostos aos russos, e representavam um perigoso imperialismo cultural às virtudes e tradições russas – inclusive no âmbito das relações internacionais.⁸⁹

Sergey Lavrov, atual Ministro das Relações Exteriores da Rússia, nos dá um exemplo disso ao elaborar a corrente filosofia da política externa russa, onde questiona a lógica das “tentativas do Ocidente de divulgar com uma insistência messiânica sua própria escala de valores” e de promover, inclusive forçadamente, a democracia em outros países, ao mesmo tempo que evita seu reconhecimento no palco internacional.⁹⁰

Tal desconfiança passa a ter consequências reais para o fazer da política externa à medida que pressupõe, por um lado, a diminuição da dependência econômica e política em relação ao Ocidente e, por outro, o aumento de interesse em áreas tradicionalmente eslavas, principalmente aquelas que foram parte da União Soviética (*Former Soviet Union* - FSU).

Isso dá margem a uma abordagem mais assertiva da Rússia em relação aos países da FSU, justificada pela maior proximidade etnocultural, levando à defesa de uma maior integração econômica entre os países da Comunidade dos Estados Independentes (CEI), que representa uma escolha por uma política de maior

⁸⁸ GREENFELD, 1996 pp.418-428

⁸⁹ LO, 2002, p.15-16

⁹⁰ LAVROV, 2013, pp.19-20

independência e introspecção frente às ambições liberais de integrar a Rússia à economia global dominada pelo Ocidente.⁹¹

Ainda que algumas razões para tal escolha fossem de natureza racional, a exemplo do fato de que a Rússia poderia não estar preparada para encarar a economia mundial, boa parte delas são de natureza emocional e civilizacional; dizem mais respeito aos sentimentos de identidade nacional do que a fatores concretos.⁹²

Ademais, influenciada por essa abordagem seria também a maneira com que o país lida com as questões relacionadas à diáspora russa; sendo que alguns, como o presidente Primakov, viam uma forte ligação entre a resolução de tensões relativas à diáspora e a criação de um espaço econômico comum entre os países da CEI.⁹³

Outro elemento relativo à identidade nacional que define a maneira com a qual a Rússia se posiciona no cenário internacional é seu senso de império. O aspecto imperial da história russa, que existiu de forma quase contínua durante os regimes czarista e depois comunista, teve forte impacto na formação de sua identidade nacional. Daí decorre que a visão de mundo russa esteja fortemente pautada em sua identidade imperial e, conseqüentemente, na sua crença de desempenhar uma missão global.

Um dos poucos consensos presentes na ideologicamente fragmentada *intelligentsia* era que a Rússia deveria, *precisava* ser um país próspero e, sobretudo, influente. Como a grande potência mundial que é, e de acordo com a vocação messiânica sempre presente em seu nacionalismo, seria seu dever exercer papel de força de equilíbrio global.⁹⁴ Para Lavrov,

De acordo com a sua tradição, a Rússia continuará a desempenhar o papel de fator equilibrador nos assuntos internacionais, e a maioria dos nossos parceiros confirmam que este seu papel é requisitado. Isto se deve não somente ao peso internacional do país, mas também ao fato de que temos uma opinião própria a respeito dos eventos que se passam – uma opinião

⁹¹ LO, 2002, p.16

⁹² A integração regional enquanto prioridade da Rússia é evidenciada no próprio documento oficial sobre as diretrizes de sua política externa, publicado pelo Ministério das Relações Exteriores da Rússia. O documento traz ainda a ideia de que o Ocidente não mais ocuparia mais o papel-chave na condução da economia e política mundiais. (Concept of the Foreign Policy of the Russian Federation, 2013, seção II, parágrafo 4, e seção IV)

⁹³ PRIMAKOV *apud* LO, 2002, p.16

⁹⁴ LO, 2002, p.20

baseada nos princípios do direito e da justiça. A crescente atratividade da Rússia está relacionada à ampliação da potência da sua “força suave” na qualidade de país que combina a herança espiritual e cultural riquíssima com possibilidades únicas da evolução [...] ⁹⁵

Dessa forma, mesmo após o fim da URSS e a diminuição de importância mundial que isso representou para o país, Moscou não dá sinais de estar se distanciando de seu ideal de ser uma superpotência: a possibilidade de se tornar um Estado-nação de menor relevância, como qualquer outro, lhe parece inaceitável, em virtude de sua identidade calcada em um longo passado imperial. ⁹⁶

Daí a ênfase dada pela Rússia à necessidade de tornar o cenário mundial igualitário e multipolar, de forma a possibilitar um contrapeso ao poder dos Estados Unidos - agora seu maior ponto de referência e de oposição -, que seria dado pelos outros “polos”, como a China, Índia, Europa e a própria Rússia. ⁹⁷

Entretanto, a autoimagem russa difere muito das percepções que o Ocidente tem sobre ela, e isso resulta no chamado *padrão de centro/periferia*: a Rússia, por seu enorme território, tradições imperiais, características únicas e crença de ter uma missão a ser desempenhada, se acredita um poder central. Enquanto isso, o Ocidente a vê sempre como, no máximo, um poder periférico. ⁹⁸

Essa é a chave para compreendermos porque as relações entre a Rússia e o Ocidente se reciclam dentro de um mesmo padrão, aquele que leva à alternância entre *eslavofilia* e *ocidentalismo*: não estando disposta a se resignar ao papel de ator secundário, a Rússia tenta promover reformas internas para se adequar aos padrões ocidentais e assim passar a ocupar a posição central, que ela crê ser sua por direito. O Ocidente, porém, a percebe como um poder disruptivo e como uma ameaça, reprimindo-a.

Em suma, ainda que a Rússia pareça mais integrada à estrutura política do sistema de nações, sua oposição ideológica e de interesses ao Ocidente vem se agravando desde 1992: ela aspirava se tornar parte da civilização ocidental por meio da transição do totalitarismo para a democracia mas, ao perceber que o Ocidente a

⁹⁵ LAVROV, 2013, p.21

⁹⁶ LO, 2002, pp.19-21

⁹⁷ LO, 2002, p.24; Concept of the Foreign Policy of the Russian Federation, 2013, seção IV

⁹⁸ CHENG, 2011, p.30

considerava inerentemente periférica, a Rússia escolheu adotar mais abertamente uma posição contrária ao Ocidente.⁹⁹

O objetivo maior da política externa russa seria, portanto, obter o reconhecimento dos poderes “centrais”, eliminando de suas visões a imagem da Rússia como periferia. Nesse processo, afim de obter mais atenção do *centro* aos seus interesses, a Rússia despreza a cooperação com ele. Ao invés disso, utiliza-se de medidas cada vez mais drásticas com intuito de ter sua existência reconhecida, o que acaba por aumentar as desconfianças do Ocidente em relação a ela.

Essa lógica, que permeia o posicionamento internacional russo desde os tempos czaristas, se reflete também em sua rígida diplomacia em relação aos países da CEI¹⁰⁰, em especial à Ucrânia e Bielorrússia, já que a reintegração desses três Estados - partes do *triângulo eslavo* -, é tido por muitos russos como chave para o reestabelecimento da posição da Rússia enquanto grande potência.¹⁰¹

A Rússia não estaria, entretanto, empreendendo uma tentativa de reconstrução da URSS. Seu objetivo seria a construção de um *império informal* no espaço pós-Soviético, com ênfase na Ucrânia e a Bielorrússia.¹⁰² Tal forma de império não implica no controle total de uma nação sobre outra, mas sim num domínio que deixa ao dominado certa liberdade em alguns assuntos internos e externos.¹⁰³

Acontece, entretanto, que os países que formavam o bloco liderado pela Rússia passaram, após o fim da Guerra Fria, a buscar maior integração com o Ocidente. Assim, empenhando-se em assegurar o status de potência que almeja obter,¹⁰⁴ a Rússia se envolve em conflitos; não como resultado de uma análise racional de custos e benefícios, mas sim como um meio de sinalizar sua importância, desenvolvimento e identidade. Exemplo disso foi o conflito com a Bielorrússia¹⁰⁵ e, atualmente, como veremos, a disputa com a Ucrânia.

2.2. Nacionalismos e o atual conflito entre a Rússia e a Ucrânia

⁹⁹ Ibid., pp.31-21

¹⁰⁰ LO, 2002, p.22

¹⁰¹ YAKOVIEV-GOLANI, 2014, *online*

¹⁰² Idem

¹⁰³ LAKE *apud* YAKOVIEV-GOLANI, 2014, *online*

¹⁰⁴ CHENG, 2011, pp.33-34

¹⁰⁵ Idem 96

Na gênese do conflito que se dá entre Rússia e Ucrânia estão os nacionalismos dos dois países, cujos interesses divergentes há muito levam à criação de tensões. De um lado, há o nacionalismo ucraniano, de orientação pró-ocidental *ab initio* e cuja própria construção vem do desejo de ter seu país reconhecido como uma nação independente, e não como parte *periférica* de outra.

Do outro lado, está o nacionalismo russo, por séculos moldado pelo *ressentimento* gerado pela comparação e oposição ao Ocidente, a um tempo seu modelo a ser emulado e antagonizado. De vocação imperial, vê a Ucrânia como parte de si e tem dificuldade de aceitar sua existência soberana; mais ainda quando esta busca aproximação com o Ocidente, o que tem o agravante de representar obstáculo aos planos russos de estabelecer maior integração regional, em prejuízo da participação em assuntos europeus e globais. Tal postura é por vezes tida pelos ucranianos como uma tentativa russa de criação de um *império informal regional*.¹⁰⁶

Até 2004, quando ocorreu na Ucrânia a chamada *Revolução Laranja*, a Rússia parecia estar próxima de atingir seus objetivos em relação ao país vizinho: logo após o fim da União Soviética, assegurou por meio de acordos a neutralidade geopolítica ucraniana; e durante o governo do segundo presidente ucraniano pós-independência, Leonid Kuchma, permeado por dificuldades na política doméstica, a Rússia conseguiu expandir sua influência sobre a Ucrânia, mediante de tratados relativos à infraestrutura de transporte de gás natural.

A Revolução de 2004, entretanto, levou ao poder Viktor Yushchenko, disposto a maior aproximação com o Ocidente e com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) - postura esta que era tida pela Rússia como ato de provocação inadmissível¹⁰⁷ -, frustrando as expectativas russas de manter a Ucrânia sob sua esfera de influência. Já àquela época Moscou alertou Kyiv sobre as possíveis consequências que a potencial admissão à OTAN traria para a Ucrânia: a possível desintegração de seu território.¹⁰⁸

Em 2006, as tensões se agravaram quando a Rússia, após uma série de disputas comerciais, interrompeu o fornecimento de gás natural à Ucrânia. Quase todo o gás que chega à Europa passa pelo território ucraniano, o que fez com que

¹⁰⁶ Em discursos proferidos em 18 março e 17 de abril de 2014, o presidente russo Vladimir Putin expressou sua indignação com a própria existência da Ucrânia: ele disse não entender porque quais razões os soviéticos criaram o Estado ucraniano e permitiram que dele fizesse parte sua porção sudeste, agora alvo de disputa entre a Rússia e a Ucrânia. (HERLIHY, 2014, *online*)

¹⁰⁷ MIELNICZUK, 2006, n.p.

¹⁰⁸ YAKOVLEV-GOLANI, 2014, *online*

ela não fosse o único país a ser afetado pela crise. Entre as maiores críticas feitas pela Ucrânia à postura russa, estava o suposto revanchismo contra o governo de Yushchenko, por seu posicionamento pró-Occidente.¹⁰⁹

A resistência da Ucrânia em aceitar o relativo isolamento regional que ela crê advir de um alinhamento com os objetivos russos fez com que o Kremlin optasse por fomentar incertezas na política interna ucraniana por meio de manobras diplomáticas, afim de desestabilizar a parcela da elite favorável à integração com o Ocidente. Isso possibilitou aos que apoiavam a Rússia ganhar influência dentro do governo ucraniano e que seu líder, Viktor Yanukovych, chegasse por fim à presidência.¹¹⁰

Após a eleição de Yanukovych, as relações entre Ucrânia e Rússia se mantiveram razoavelmente estáveis, ainda que com oscilações, até os acontecimentos do *Euromaidan* em 2013, quando negociações para um tratado com a União Europeia (EU) foram suspensas por pressão russa. Isso fez com que protestos tomassem a Praça da Independência por uma maior integração com a UE e contra o governo pró-Rússia de Yanukovych, supostamente envolvido em casos de corrupção.¹¹¹

Tal onda de protestos levou, eventualmente, à Revolução Ucraniana de 2014, que resultou na queda do presidente Yanukovich em fevereiro. A isso seguiu-se uma rápida sucessão de mudanças no sistema político da Ucrânia, com a formação de um governo interino; o reestabelecimento da Constituição anterior, que diminuía o poder presencial; e a chamada para uma nova eleição de emergência, a ser realizada dentro de poucos meses.¹¹²

A crise tomou proporções internacionais quando, percebendo que a Ucrânia já não mais se submeteria à sua antiga posição, que acredita ser de periferia imperial, a Rússia pôs de lado estratégias puramente diplomáticas e invadiu o território ucraniano, ocupando a península da Crimeia - que pertenceu à Rússia até a União Soviética a ceder à Ucrânia, em 1954¹¹³, e cuja população, em sua maioria, se identifica como russa -, e anexando-a subsequentemente por meio de um duvidoso referendo.

¹⁰⁹ OLSZAFSKI, s/d, *online*

¹¹⁰ YAKOVLEV-GOLANI, 2014, *online*

¹¹¹ *Idem*

¹¹² MCELROY, 2014, *online*

¹¹³ ARMSTRONG, 2004, p.38

Logo após, eclodiram insurgências separatistas no leste ucraniano, outra região de maioria russófona e presente foco da disputa.¹¹⁴ Ainda que a Rússia negue estar dando apoio direto aos dissidentes, são numerosas as evidências que atestam o contrário.¹¹⁵

A retórica russa busca justificar anexação e separatismo sustentando ser a Ucrânia um país dividido em dois: apenas o oeste ucraniano, que no passado pertenceu à Polônia, se identificaria com a identidade ucraniana e consequentemente, com o discurso pró-Occidente. O leste se manteria, em sua maior parte, leal à Rússia por afinidades históricas e etnoculturais. Esse discurso é, entretanto, perigoso e passível de contestações.¹¹⁶

A noção de que os ucranianos se dividiriam entre aqueles que seriam pró-Occidente e outros que seriam pró-Rússia pode não ser de todo acurada. A *lealdade cultural* da população ucraniana designada “pró-Rússia” parece estar depositada antes nos valores do passado soviético do que na Rússia atual, mas esta a coopta e transfere para si recorrendo a propaganda antiocidental.¹¹⁷

Para os nacionalistas ucranianos, mesmo a região sudeste da Ucrânia, de Donetsk e Luhansk, onde estão os grupos separatistas pró-Rússia, já é parte da Ucrânia há quase um século, e mesmo antes disso elas nunca foram totalmente russas: sua colonização, assim como a da Crimeia, foi empreendida, majoritariamente, por ucranianos e ainda por diversos outros povos estrangeiros, como búlgaros e sérvios; e no decorrer de suas histórias, não estiveram tão ligadas à Rússia quanto alegam os separatistas.¹¹⁸ De acordo com a professora Patricia Herlihy, chamar tais regiões de Rússia “evokes a history that never was.”¹¹⁹

Ademais, a eles parece que a “ideia ucraniana” e o desejo de integração com a Europa avançam em toda Ucrânia, atingindo cada vez mais as regiões ao leste, onde são bem recebidos. Provas disso estariam nos os resultados das últimas eleições.¹²⁰ Dessa forma, a identidade ucraniana poderia de fato ser contestada e idiossincrática, mas ainda assim dominante.¹²¹

Os Estados Unidos e a União Europeia reagiram à anexação da Crimeia

¹¹⁴ Idem; YEKELCHYK, 2014, *online*

¹¹⁵ DEMIRJIAN, 2015, *online*

¹¹⁶ FINNIN, 2014, *online*

¹¹⁷ RIABCHUK, 2014, *online*

¹¹⁸ SZPORLUK, 1997, p.111; FINNIN, 2014, *online*; HERLIHY, 2014, *online*; FINNIN, 2015, *online*

¹¹⁹ HERLIHY, 2014, *online*

¹²⁰ SOLTYS, 2005/2006, p.162

¹²¹ FINNIN, 2014, *online*

impondo à Rússia diversas sanções, que têm como principais alvos suas finanças de Estado e setores de armamentos e de energia, aumentando as restrições a grandes corporações e grandes bancos estatais russos. Indivíduos acusados de minar a soberania ucraniana, como comandantes separatistas, também foram afetados pelas medidas.

Em uma fase na qual a economia russa já desacelerava, uma maior dificuldade de acesso aos mercados de capitais europeu e norte-americanos poderia ser particularmente prejudicial.¹²² Apesar das questões de distribuição energética; da alta industrialização do sudeste ucraniano; e da presença da Frota do Mar Negro na Crimeia, que é de interesse estratégico para a Rússia,¹²³ é pouco provável que sua motivação advenha de fatores econômicos.

Mais verossímil é a hipótese de que as razões para a investida da Rússia contra a Ucrânia não estejam pautadas em motivos racionais, mas que tenham em fatores ideológicos e civilizacionais sua força motriz.¹²⁴ Tal qual o conflito com a Bielorrússia,¹²⁵ é possível que o desmembramento da Ucrânia seja uma demonstração de força russa perante o Ocidente; uma radicalização de comportamento provocada pela aspiração de não mais ser tida por ele como *periférica*, e já prevista pelo *padrão centro/periferia*.

Outrossim, a Rússia não poderia ser um império sem a Ucrânia, e o gradual afastamento desta de sua esfera de influência representa uma séria ameaça ao que seria o projeto russo de estabelecer um *império informal regional*. Isto posto, fica claro que o objetivo que perpassa as ações russas não é a Ucrânia em si, mas sim sua manutenção enquanto instrumento em um conflito civilizacional e de identidades muito mais amplo, e que já nos foi tornado bastante familiar: aquele da Rússia vs. Ocidente.¹²⁶

Assim, é possível que as preocupações da Rússia quanto a seus nacionais em diáspora sejam instrumentalizadas para justificar a ingerência russa na política interna ucraniana. Isso seria, de acordo com alguns ucranianos, um potencial fator desestabilizador e de geração de conflitos, que por sua vez podem facilitar a

¹²² BBC News, 2014, *online*

¹²³ ARMSTRONG, 2004, *passim*

¹²⁴ FINNIN, 2014, *online*

¹²⁵ CHENG, 2011, pp.33-34

¹²⁶ FINNIN, 2014, *online*

incorporação de partes do território ucraniano à Rússia.¹²⁷ Para Yakovlev-Golani, “Russian policymakers decided to split Ukraine into smaller pieces just to devour some of them, thereby compensating themselves for the loss of Ukraine.”¹²⁸

Do lado ucraniano, a ênfase também está em valores, e não na economia: apesar de sua relativa dependência econômica em relação à Rússia, que lhe fornece cerca de 70% de seu petróleo e 90% de seu gás natural - produtos pelos quais a Ucrânia nem sempre pode pagar em dia, o que dá à Rússia grande margem para barganha e pressão¹²⁹ -, ela escolhe o caminho do Ocidente.

Isso porque integrar-se à Europa representa para a Ucrânia a libertação de resquícios do período soviético e do totalitarismo: a consolidação de sua democracia. E ainda mais do que isso, a integração é para a nação ucraniana uma questão de sobrevivência: a única via pela qual a Ucrânia pode assegurar sua identidade e sua existência independente e soberana é encontrar seu lugar entre os países europeus,¹³⁰ como já haviam percebido seus primeiros nacionalistas.

¹²⁷ MIELNICZUK, 2006, n.p.

¹²⁸ YAKOVLEV-GOLANI, 2014, *online*

¹²⁹ MIELNICZUK, 2006, n.p.

¹³⁰ RIABCHUK, 2014, *online*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível que uma Ucrânia geopoliticamente neutra, que mantivesse o *status quo* pré-*Euromaidan*, satisfizesse a Rússia. Esse caminho, entretanto, já não é mais viável. Agora, a anexação das regiões do sudeste ucraniano à Rússia, ou ao menos o estabelecimento ali de um protetorado russo, parecem ser as únicas opções consideradas satisfatórias pela Rússia; mesmo um federalismo, que desse maior autonomia a essas regiões, não seria considerado suficiente.

Cabe notar, porém, que a dinâmica por trás do padrão de *centro/periferia* indica que ações drásticas tomadas pela Rússia tendem a fazer não com que ela seja vista como uma força a ser reconhecida, mas sim como uma ameaça a ser rechaçada. Assim, é provável que a demonstração de poder em que consistem a anexação da Ucrânia e o apoio aos grupos separatistas das regiões de Donetsk e Luhansk levem a um ostracismo ainda mais acentuado da Rússia.

Não obstante, a mensagem transmitida por tais desafios à soberania ucraniana é bastante clara: o Ocidente está de mãos atadas, já não pode dominar a Rússia; seu poderio militar e arsenal nuclear, combinados à sua clara disposição de desafiar a qualquer preço a ordem vigente, que a coloca como ator apenas marginal, a tornam, de certa forma, intocável.

Já que qualquer confrontação direta com a Rússia teria alto potencial explosivo, resta aos Estados Unidos e à Europa apenas o dispositivo das sanções econômicas e diplomáticas que, a bem da verdade, jamais serão suficientes para mitigar as ambições neoimperialistas russas, pois não atingem seu cerne, imaterial e calcado em um nacionalismo largamente formado com base em *ressentimento* e *transavaliação de valores*.

A aparentemente eterna posição de periferia que o Ocidente relega à Rússia é equivocada e, por isso, perigosa. É bastante possível que Sergey Lavrov esteja certo ao tratar do “processo de diminuição das possibilidades do Oeste histórico de desempenhar o papel-chave na economia e na política mundial”¹³¹.

Isto posto, a recusa europeia de reconhecer tal tendência, atribuindo a países o indelével status de periferia em razão de diferenças civilizacionais, é incúria. Ainda que a Rússia tenha sua própria agenda por trás de tais afirmações, já não se pode

¹³¹ LAVROV, 2013, p.18

mais ignorar a verdade da emergência de diversos outros *polos* de poder.¹³²

A despeito das chances da Rússia renunciar a seu corrente empreendimento em território ucraniano serem apenas residuais, e por mais que os países do *centro* tenham poucas possibilidades de retaliação, são eles a única esperança para uma Ucrânia em risco eminente de desintegração.

Afinal, persiste uma possível via inexplorada para se aplacarem os conflitos na região – o de agora e os que ainda estão por vir: **a quebra do padrão/centro periferia**. Um Oeste histórico que não mais coaja a Rússia à posição de periferia – na qual ela há muito não cabe –, deixa de alimentar esse ciclo que engendra o *ressentimento* e, inevitavelmente, delineia a conflitos. Mesmo que esta seja uma solução menos do que ideal, uma vez que seus efeitos só poderiam ser observados a longo prazo, é presumível que seja a única que ainda se nos apresenta.

Ademais, seria prudente que o Ocidente prestasse mais atenção à natureza da atual guerra entre Rússia e Ucrânia. Isso porque seu estopim foi as manifestações de cunho abertamente pró-UE do *Maidan*, o que carrega um forte simbolismo no que tange os valores ocidentais e traz, por essa razão, grandes responsabilidades para a comunidade europeia, no sentido de apoiar e fomentar os ensejos que moveram tais protestos.

A força da ideia ucraniana já se prova desde seu princípio. Os nacionalistas da Ucrânia não são responsáveis apenas pela organização dos eventos do *Euromaidan*: sua luta pela independência nacional já se estende por mais de dois séculos, e sua renúncia é tão pouco provável quanto a russa. Até que a soberania de seu país esteja assegurada e ele integrado à Europa, seu trabalho mais do que provavelmente deve continuar.¹³³

Por fim, advertimos não ser o objetivo deste trabalho tecer julgamentos morais ou tomar partido de qualquer um dos lados do conflito; isso se encontra muito além de nosso escopo. O próprio estudo histórico empreendido para a realização deste artigo nos conduz à compreensão das motivações, muitas vezes tão psicológicas, que regem as forças do conflito aqui estudado.

Ainda que não seja capaz de justificar todas as atitudes, a compreensão histórica por certo lança luz a tantos aspectos que, de outra forma, permaneceriam

¹³² E talvez estejamos nós incorrendo em anacronismo ao não tratar de uma ordem mundial pós-nacional...

¹³³ RIABCHUK, 2014, online

obscuros e portanto mais propensos a julgamentos rasos e maniqueístas, muitas vezes ainda influenciados por estranhas e anacrônicas percepções sobre comunismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. Edições 70 Ltda, Lisboa, Portugal, 1991

ARMSTRONG, John A., **Ukraine - Evolving Foreign Policy in a New State**. *World Affairs*; Summer 2014; Vol. 167, No. 1

CHENG, Yang. **The Power of Diplomatic Traditions: Understanding the Logic of Russia's Foreign Policy in the Post-Soviet Era**. *Eurasian Review*, Volume 4, November 2011

Concept of the Foreign Policy of the Russian Federation, The Ministry of Foreign Affairs of the Russian Federation, 2013. Disponível em http://archive.mid.ru//brp_4.nsf/0/76389FEC168189ED44257B2E0039B16D (acessado em 08 de julho de 2015)

DEMIRJIAN, Karoun. **Putin denies Russian troops are in Ukraine, decrees certain deaths secret**. *The Washington Post*, 28 de maio de 2015. Disponível em https://www.washingtonpost.com/world/putin-denies-russian-troops-are-in-ukraine-decrees-certain-deaths-secret/2015/05/28/9bb15092-0543-11e5-93f4-f24d4af7f97d_story.html (acessado em 08 de julho de 2015)

FINNIN, Rory. **A Divided Ukraine: Europe's Most Dangerous Idea**. **Centre for Research in the Arts, Social Sciences and Humanities**, 2014. Disponível em <http://www.crassh.cam.ac.uk/blog/post/a-divided-ukraine-europes-most-dangerous-idea> (acessado em 08 de julho de 2015)

FINNIN, Rory. **Fighting 'Crimnesia': The Question of Crimea in the Russia-Ukraine War**. **Centre for Research in the Arts, Social Sciences and Humanities**, 2014. Disponível em <http://www.crassh.cam.ac.uk/blog/post/fighting-crimnesia> (acessado em 08 de julho de 2015)

FORBRIG, Joerg. **Europe Should Be Happy: Ukraine Wants In.** *The New York Times*, 12 de dezembro de 2013. Disponível em <http://www.nytimes.com/roomfordebate/2013/12/12/does-europe-need-ukraine/europe-should-be-happy-ukraine-wants-in> (acessado em 09 de julho de 2015)

GELLNER, Ernest. **Nations and Nationalism.** London: Weldenfeld & Nicholson, 1983

GREENFELD, Liah. **Nacionalismo: cinco caminhos para a modernidade,** Publicações Europa-América, Lisboa, Portugal, 1998

GREENFELD, Liah. **The Bitter Taste of Success: Reflections on the Intelligentsia in Post-Soviet Russia.** *Social Research*, Vol. 63, No. 2, Summer 1996

HERHILY, Patricia. **What Vladimir Putin chooses not to know about Russian history.** *LA Times*, 01 de maio de 2014. Disponível em <http://www.latimes.com/opinion/op-ed/la-oe-herlihy-russia-ukraine-odessa-20140501-story.html#axzz30msmaetD> (acessado em 08 de julho de 2015)

HOBBSBAWM, Eric J. **Nations and Nationalism since 1780: programme, myth, reality.** Cambridge: Cambridge University Press, 1990

HOBBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos: O breve século XX.** Companhia das Letras, 1994

How far do EU-US sanctions on Russia go? *BBC News*, 15 de setembro de 2014

LASCHCHENOVA, Eva. **National Archetypes of Russia's Foreign Policy,** *International Affairs: A Russian Journal of World*, 2009

LAVROV, Sergey. **Filosofia da Política Externa Russa.** *Vida Internacional*, Digest 2013

LO, Bobo. **Russian Foreign Policy in the Post-Soviet Era - Reality, Illusion and Mythmaking.** Hampshire, Palgrave Macmillan, 2002

MCELROY, Damien. **Ukraine revolution: live – Ukraine’s president has disappeared as world awakes to the aftermath of a revolution.** *The Daily Telegraph*, 23 de fevereiro de 2014. Disponível em <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/ukraine/10659755/Ukraine-revolution-live.html> (acessado em 15 de abril de 2015)

MIELNICZUK, Fabiano. **Identidade como fonte de conflito: Ucrânia e Rússia no pós-URSS.** *Contexto Internacional*, vol. 28, no.1; Rio de Janeiro; Jan./Junho 2006

OLSZAFSKI, Tadeusz Andrzej. **Ukraine and Russia: mutual relations and the conditions that determine them.** Policy Documentation Center. Disponível em http://pdc.ceu.hu/archive/00002222/01/uk_ru_mutual_rel.pdf (acessado em 19 de abril de 2015)

RIABCHUK, Mykola. **Alle Wegen führen nach Westen... doch wie schnell die Ukraine dort ankommt, hängt auch von Europa ab.** *Internationale Politik* 2, Março/Abril 2014, pp. 72 – 75. Disponível em <https://zeitschrift-ip.dgap.org/de/ip-die-zeitschrift/archiv/jahrgang-2014/maerz-april/alle-wege-fuehren-nach-westen> (acessado em 08 de julho de 2015)

SEPIR, Edward. **Cultura “autêntica” e “espúria”.** In: PIERSON, Donald (org.), *Estudos de Organização Social tomo II*. São Paulo: Martins Editora, 2012

SOLTYS, Dennis. **Shifting civilizational borders in orange Ukraine – Dilemmas and opportunities for western diplomacy.** *International Journal*; Winter 2005/2006

STALIN, Josef. **O marxismo e o problema nacional e colonial.** Livraria Editora, São Paulo, 1979

SZPORLUK, Roman. **Ukraine: From an Imperial Periphery to a Sovereign State.** *Daedalus*; Summer 1997; Vol.126, No. 3.

PLOKHY, Serhii. **Ukraine and Russia: representations of the past.** University of Toronto Press Incorporated, 2008

YAKOVLEV-GOLANI, Helena. **Siblings Affairs: Russia's Foreign Policy toward Belarus and Ukraine**. Council for European Studies, 2014. Disponível em <http://councilforeuropeanstudies.org/critcom/siblings-affairs-russias-foreign-policy-toward-belarus-and-ukraine/> (acessado em 08 de julho de 2015)

YEKELCHYK, Serhy. **The Ukrainian Crisis: In Russia's Long Shadow**. Origins - Current Events in Historical Perspective, vol. 7, issue 9 - June 2014. Disponível em <http://origins.osu.edu/article/ukrainian-crisis-russias-long-shadow> (acessado em 08 de julho de 2015)

ZAKS, Dmitry. **Ukraine's President: 'This is not a fight with Russian-backed separatists, this is a real war with Russia'**. Business Insider, 21 de maio de 2015. Disponível em <http://www.businessinsider.com/afp-poroshenko-says-ukraine-waging-real-war-with-russia-2015-5> (acessado em 09 de julho de 2015)